

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESCAVAÇÕES NA CITÂNIA DE BRITEIROS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1943 | Número: 53

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Escavações na Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães*, 53 (3-4) Jul.-Dez. 1943, p. 247-256.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Escavações na Citânia de Briteiros

A campanha de escavações de 1943 na Citânia de Briteiros, subsidiada pelo Ministério das Obras Públicas (Direcção dos Monumentos Nacionais) e dirigida pela Sociedade Martins Sarmento, foi particularmente proveitosa, não tanto pela quantidade das espécies exumadas, mas principalmente pela qualidade e raridade de algumas delas.

Apesar de se notar, ultimamente, no campo das investigações arqueológicas nacionais, uma certa actividade, devida aos subsídios concedidos pelo Estado para a realização de novas explorações em diversos locais, e ainda à interferência e trabalhos de inventariação promovidos pela Secção de Escavações, Antiquidades e Numismática da Junta Nacional de Educação — a nossa bem conhecida Citânia de Briteiros ainda não foi apeada da sua categoria, nem do lugar de primacial relêvo que continua mantendo, no grupo numeroso dos castros do norte de Portugal. Quer pela extensão da área das suas ruínas, quer pela variedade e importância do espólio que das mesmas tem sido copiosamente extraído, nas diversas pesquisas realizadas dentro de um período de mais de 60 anos, desde que Martins Sarmento ali iniciou os seus trabalhos — a *Citânia* continua hoje a ser o protótipo mais completo dos povoados primitivos galaico-portugueses da Idade do Ferro, com a marca indelével da romanização intensa a que, durante séculos, foi submetida.

Dos objectos recolhidos nas últimas escavações ali realizadas, expostos à minha observação pela Ex.^{ma} Direcção da Sociedade Martins Sarmento, antes de darem entrada no Museu, para serem devi-

damente seleccionados e classificados, pude separar os seguintes, que merecem referência especial:

CERAMICA

Terra sigillata — Apareceram 5 novas marcas de oleiros, uma das quais ilegível, infelizmente. As quatro restantes são:

OF AFRI; A/LIV....; OF S·EV....; BIO OIIC

A marca do oleiro *Afer*, proveniente das oficinas rutenas de La Graufesenque (*Condatomagus*), pertencente ao período Cláudio-Vespasiano, já não é inédita nas explorações da Citânia. Um exemplar de Briteiros vem citado na obra clássica de Félix Oswald ⁽¹⁾, e também lhe fez erudita referência o malgrado investigador Rui de Serpa Pinto ⁽²⁾.

O oleiro *Auliu(s)* é inédito na colecção de marcas do Museu de Martins Sarmiento. Vem citado em Oswald ⁽³⁾ como pertencendo à cerâmica manufacturada em Rheinzabern (*Tabernae Rhenanae*), do período Antonino. Também existe o nome *Maulius* ⁽⁴⁾.

Sev(erus), igualmente inédito na Citânia, é marca dada como procedente de oficinas diversas: de La Graufesenque, do período Nero-Vespasiano; de Lezoux (período Trajano-Antonino); etc. Também aparece *Severinus*, em Lezoux, Heiligenberg e Rheinzabern, e *Severianus*, em Lezoux e Rheinzabern ⁽⁵⁾.

Finalmente, *Bio* é marca inédita na colecção de Briteiros, e procede de La Graufesenque ⁽⁶⁾.

Parece-nos oportuno deixar aqui registadas duas outras marcas, anteriormente aparecidas na Citânia,

(1) Félix Oswald, *Index of Potters' Stamps of Terra Sigillata «Samian ware»*. Margidunum, East Bridgford. 1931. Pág. 7.

(2) Rui de Serpa Pinto, *Terra Sigillata*, in «Revista de Guimarães», 1929, vol. XXXIX, pág. 27 e ss.

(3) Op. cit., pág. 35.

(4) Idem, pág. 183.

(5) Idem, pág. 279.

(6) Idem, pág. 43.

e que deram entrada no Museu em 1938, às quais não houve ainda oportunidade de se fazer a merecida referência. Uma delas está fragmentada e já não contém o nome do oleiro, mas apenas a abreviatura da palavra "oficina":

EX·OF·....

A outra, muito importante, é do oleiro *Hilarus Saufeius*:

AVS

SAFEI

Segundo obsequiosa informação que nos foi prestada pelo eminente Professor alemão, Dr. Aug. Oxé, de Krefeld, são conhecidas 11 marcas dêste oleiro, seis das quais provenientes de Itália, aparecidas em Arezzo, Chiusi, Roma e Aquilea (Museu de Trieste); três de Espanha, aparecidas em Ampúrias (Museus de Gerona e Barcelona) e em Elche (Colecção Ibarra); uma de proveniência desconhecida, existente no Museu de Dresde; e, finalmente, esta da Citânia de Briteiros. Algumas delas já foram citadas no C. I. L.

Cerâmica pintada — As recentes escavações da Citânia foram efectuadas numa pequena elevação situada a 80 metros a NW. da casa do guarda. Os trabalhos ali realizados não tiveram grande desenvolvimento devido ao facto de o subsídio votado pela Direcção dos Monumentos Nacionais ser também exíguo e não permitir, portanto, a execução de um plano mais vasto. Tratou-se apenas de eliminar um aglomerado de terras ali acumuladas de longa data, desde as escavações levadas a efeito por Martins Sarmiento. Nessas terras, novamente removidas com cuidado, é que apareceram os interessantes despojos que constituem o produto da campanha de 1943.

Além da cerâmica dita *samiana* ou *arretina*, a que acima nos referimos, recolheram-se diversos fragmentos de louça pintada, confeccionada com barro muito fino, de côr clara, e de frágil consistência, decorada com "motivos" geométricos de um tom vermelho-

-sépia. Este tipo de cerâmica, pôsto que pintada sob a influência de uma técnica *ibérica*, é, pela expressão dos seus ornatos, de tradição puramente céltica, como aliás tôda a cultura dos castros do Noroeste (1). Poucos exemplares existiam no Museu, recolhidos por Martins Sarmento. Com vários fragmentos pertencen-

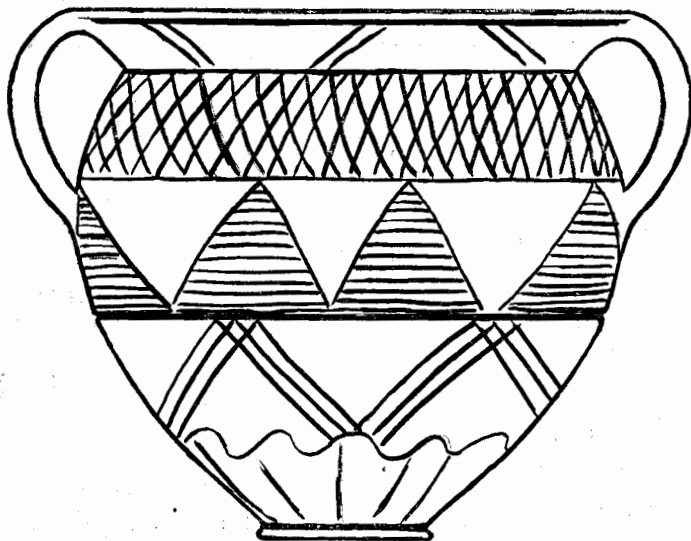


Fig. 1 — Reconstituição de uma peça de cerâmica pintada, da Citânia de Briteiros.

(1/2 do tam. nat.)

tes a uma peça única, conseguiu-se agora reconstituír por completo, nos seus contornos e decoração, um formoso vaso (Fig. 1).

Cerâmica figurada — O achado mais notável desta feliz campanha de 1943 foi o de uma figurinha decorativa, colada, pela técnica da «barbotine», sob um bôrdo de vasilha, representando uma pequena máscara humana, de 22 mm. de altura. E' um rosto

(1) J. M. Santa-Olalla, «Esquema paletnológico de la Península Hispánica», in *Corona de Estudios*, Madrid, 1941, pág. 164.



1



2

Fig. 2 — N.º 1, cerâmica da Citânia; n.º 2, cerâmica de S. Torcato (Guimarães).

(Tam. nat.)

glabro, expressivo e risonho, com os cabelos dispostos sôbre a testa, em anéis simêtricamente estilizados (Fig. 2-n.º 1). O modelado desta pequena escultura artística é perfeitíssimo! Nenhum dos actuais obreiros da nossa indústria popular de olaria era capaz de esculpir uma máscara semelhante. Apesar das suas diminutas proporções, o rôsto, trabalhado sem mesquinhez no detalhe, revela uma expressão de vida surpreendente! Na parte inferior da figura, onde começa o bôjo da vasilha, a decoração foi feita com uma espátula dentada, por impressão no barro, marcando grupos sucessivos de pequenos traços transversais.

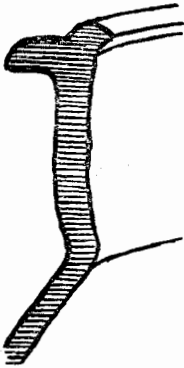


Fig. 3 — Perfil dos fragmentos cerâmicos da fig. 2.

Descrevendo esta jóia de arte, não podemos deixar de citar uma outra figurinha, que há bastantes anos deu entrada no Museu de Martins Sarmiento, proveniente de escavações realizadas na freguesia de S. Torcato (1). Está também esculpida num bôrdo de vasilha, e a técnica do trabalho artístico é exactamente a mesma da empregada no fragmento procedente da Citânia; a decoração, na parte inferior da figura, é também precisamente igual; o barro é da mesma pasta fina, esbranquiçada e quebradiça; e até, para que a seme-

lhança seja completa, a secção do bôrdo tem o mesmo perfil nos dois fragmentos (Fig. 3). Simplesmente a figura encontrada na freguesia de S. Torcato representa uma face de velho, barbada, semelhante a essas expressivas máscaras de teatro, usadas nas representações da tragédia greco-romana (Fig. 2-n.º 2). O seu cunho artístico é igualmente admirável, e, ao observar os dois fragmentos, recolhidos aliás em locais diver-

(1) A maior parte dos objectos desta procedência, existentes no Museu de Martins Sarmiento, foi oferecida pelos falecidos Drs. João de Meira e Joaquim José de Meira (Vide *Rev. de Guimarães*, XXVII, 47 e vol. XXXI, 94).

sos, embora não muito distantes um do outro, fica-se na convicção de que ambas as figuras foram modeladas pela mão do mesmo artista. Trata-se, indiscutivelmente, de cerâmica de importação romana, pois o incola rude e primitivo dos nossos castros era incapaz de realizar obras de arte de um sentido realista tão perfeito e, ao mesmo tempo, de uma concepção espiritual tão elevada!



Fig. 4 — Figurinha cerâmica descoberta por Martins Sarmento na Citânia.

(Ampliada ao dobro do tam. nat.)

Aquela outra figurinha, encontrada por Martins Sarmento na Citânia, e que ele classificou de etrusca (supomos que com precário fundamento arqueológico) (1), apresenta já um caracter, e até uma técnica, muito diferente da que presidiu a estas duas esculturas posteriormente descobertas (Fig. 4).

Fragmentos diversos —

Entre os inúmeros fragmentos cerâmicos avulsos, recolhidos nas escavações

de 1943, houve que destacar ainda alguns, também muito interessantes, especialmente pela originalidade da sua decoração. Assim, o representado na Fig. 5, com duas faixas de SS limitando uma zona de escudetes triangulares, impressos por meio de matriz na pasta fresca, ostentando cada um, no centro, um pequeno círculo, também inciso. Esta ornamentação de escudetes com pequenos círculos no campo, aos quais Rui de Serpa Pinto chamou *besantes*, por fazerem lembrar aqueles símbolos heráldicos, já tinha sido encontrada anteriormente, nos castros de Sendim (Felgueiras) (2),

(1) *Rev. de Guimarães*, vol. XX, 116 e vol. XXI, 119.

(2) Rui de Serpa Pinto, *O Castro de Sendim. Felgueiras*, in «Homenagem a Martins Sarmento». Guimarães, 1933. Pág. 377-378.

Sabroso (Guimarães) (1), e Arados (Marco de Canavezes) (2).

Outro fragmento interessante, de barro amarelo-creme, com coloração vermelha interior e exteriormente, apresenta uma zona de pequenas protuberâncias mamilares na face externa.

Deram também entrada no Museu alguns fundos de vasilhas com marcas de posse, grafitos abertos a estilete no barro cozido, semelhantes a outros já publicados (3); uma bôca trilobada de *ænochoe*; vários fragmentos de *terra sigillata* ornamentada; um fragmento pertencente a uma vasilha grosseira, tendo ainda ade-



Fig. 5 — Fragmento cerâmico da Citânia de Briteiros.

rente um dos hoje chamados «gatos», de cobre, que serviu para o conserto de uma fractura do barro; um bico de lucerna; três fusáioias; e, finalmente, duas pequenas vasilhas incompletas, mas de fácil reconstrução — uma de forma campanular, e pasta preta, fumigada, muito dura, com a superfície brunida e singelamente ornamentada, lembrando certa cerâmica itálica, do tipo campaniano (Fig. 6-n.º 1); outra, de

(1) Idem, idem.

(2) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, 131.

(3) Mário Cardozo, *Citânia e Sabroso*, 2.ª Ed., 1938. Pág. 59.

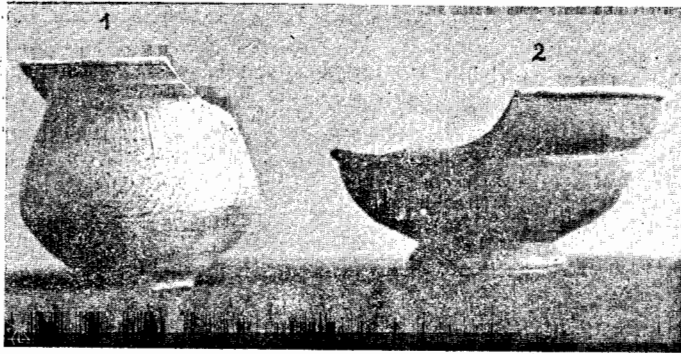


Fig. 6 — Cerâmica da Citânia: n.º 1, fumigada; n.º 2, arretina.

louça arretina, ostentando êsse belo e inalterável verniz coralino, típico das formosas peças de fabrico extra-peninsular (Fig. 6-n.º 2).

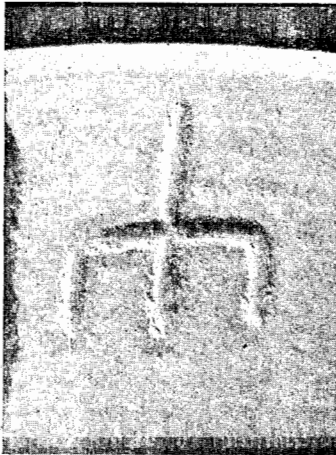


Fig. 7 — Cerâmica da Citânia: bôrdô de vasilha marcado.

Num bôrdô de vasilha apareceu uma marca curiosa, digna de registo, semelhante a um tridente (Fig. 7). Vem a propósito recordar que na Secção Epigráfica do Museu existe êste sinal, numa das inscrições lapidares provenientes da Citânia:

AR \uparrow (!)

o qual Martins Sarmiento traduziu pela associação de um *E* e um *I*, lendo, portanto, *Aurei*, genitivo de *Aureius*, antropónimo bárbaro.

(!) Mário Cardozo, Op. cit., pág. 38.

OBJECTOS METÁLICOS

De entre os variados objectos de bronze exumados na exploração, tais como os vulgares alfinetes de toucado (*acus comatoriae*), duas moedas, muito deterio-

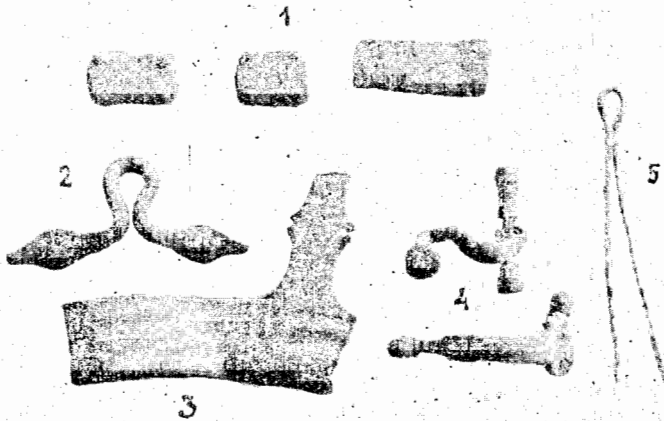


Fig. 8 — Objectos de bronze, provenientes da Citânia: n.º 1, placas de cinturão; n.º 2, asa de «situla»; n.º 3, fundo de vasilha (?); n.º 4, fíbulas; n.º 5, pinça.

radas e inclassificáveis, e diversos fragmentos indeterminados, separamos os que reproduzimos na Fig. 8, e que reputamos dignos de especial atenção:

— Uma pinça depilatória, ou cirúrgica, ou simplesmente destinada a espevitar as torcidas das lucernas (Fig. 8 - n.º 5) ⁽¹⁾.

— Uma asa de *situla* de bronze, do período de La Tène III (Fig. 8 - n.º 2) ⁽²⁾.

— Duas fíbulas bastante completas, uma delas de

⁽¹⁾ Déchelette, *Manuel d'Arch.*, IV, p. 1273, fig. 548 - n.º 4; Cagnat, *Manuel d'Arch. Rom.*, «utensílios de toilette»; *Portugalla*, vol. II, p. 330; Mário Cardozo, op. cit., p. 61.

⁽²⁾ Déchelette, op. cit., vol. IV, p. 1444, fig. 649.

charneira, do tipo itálico, e a outra de travessão com remates terminais e espira (Fig. 8-n.º 4).

— Três pequenas placas ornamentais dos cinturões de couro ⁽¹⁾, contendo ainda parte dos pregos da cravação. Apresentam elas a particularidade curiosa de terem a superfície do lado visível coberta de uma fina camada metálica branca, que supomos ser prata ou estanho (Fig. 8-n.º 1).

— Finalmente, um objecto de uso mal definido (Fig. 8-n.º 3), mas que parece ser o fundo de um pequeno vaso de bronze, contendo, gravado numa espécie de asa, um desenho que constitue um dos "motivos" vulgares na arte castreja, formado por uma fila de volutas ligadas verticalmente pelas extremidades ⁽²⁾.

Eis, em breve sùmula, a descrição do espólio ùltimamente obtido nessa inexgotável Citânia de Briteiros, orgulho de vimaranenses, que a guardam como a mais preciosa jóia do tesouro monumental, arqueològico e artístico do Concelho, e a trazem, no seu amor pátrio, sempre ligada ao nome glorioso de Martins Sarmento. Que o Estado a possa dotar com mais generosas verbas, para a realização de um vasto plano de escavações metódicas, cuja necessidade se impõe, e de há muito fizemos notar ⁽³⁾, é o desejo de quem alimenta um vivo interêsse pelo estudo das nossas remotas origens, e sabe, pelo menos, manter o culto e o respeito do Passado.

MÁRIO CARDOZO.

(1) Déchelette, op. cit., vol. III, p. 347.

(2) Mário Cardozo, op. cit., pág. 29 - n.º 9.

(3) *Revista de Guimarães*, vol. XLVI, p. 159.